



GRAVIDEZ E ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A AMBIVALÊNCIA

Cayla Aparecida de Sousa¹, Ieda Marinho de Sousa², Jaqueline Feltrin Inada³

RESUMO: A pesquisa proposta tem por intuito estudar, a partir da psicanálise de Freud, a ambivalência e suas implicações em adolescentes grávidas. Para tal, consideram-se todas as transformações pertinentes a essa fase do desenvolvimento, bem como o sentimento de ambivalência e a gravidez. A coleta de dados será realizada no ano vigente, utilizando-se de entrevistas abertas, aplicadas individualmente, com questionamentos elaborados pelas responsáveis da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa serão compostos por adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, grávidas, residentes em um lar de atendimento especializado, no Estado do Paraná. A análise dos resultados será pautada na correlação entre os relatos obtidos e os estudos psicanalíticos sobre o tema abordado. Ao fim da pesquisa, espera-se contribuir cientificamente para a compreensão do tema, além de possibilitar uma reflexão que abarque as adolescentes, os sentimentos ambivalentes e a relação prevalecente entre a fase do desenvolvimento que se encontram e as implicações no período gestacional.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Ambivalência; Gravidez.

1 INTRODUÇÃO

Os nove meses anteriores ao nascimento de uma criança são os mesmos nove meses anteriores à construção do nascimento também da mãe dessa criança. Esse tempo é essencial para que uma mulher possa deixar seu lugar de filha para, então, tomar seu lugar de mãe. O período gestacional acaba por reatualizar muitas questões acerca do histórico de vida da mulher, desde a fase anterior à sua concepção e, por conseguinte, proporciona a essas mulheres novas chances de elaborar tais questões. (BRAZELTON & CRAMER, 2002 apud BORSA, 2007).

Dessa forma, ao longo da gravidez, comumente, verifica-se que as mulheres são tomadas por múltiplos sentimentos, dando vazão a diversas mudanças e, conseqüentemente, a consideráveis perdas e ganhos. Esses sentimentos, muitas vezes, mostram-se ambivalentes. (Maldonado, 2002 apud Borsa, 2007).

Em relação à ambivalência, Freud (1931/2010, p. 212) afirma que:

Não podemos chegar ao ponto de afirmar que a ambivalência dos investimentos emocionais é uma lei psicológica de validade universal, que é absolutamente impossível ter grande amor por alguém sem que um ódio talvez igualmente grande se apresente, ou vice-versa. Sem dúvida, a pessoa normal e adulta consegue manter separadas as duas atitudes, não tendo que odiar seu objeto amoroso nem que amar seu inimigo. Mas isto parece ser resultado de desenvolvimentos posteriores. Nas primeiras fases da vida amorosa, a ambivalência é claramente a regra. Em muitas pessoas esse traço arcaico é conservado pela vida inteira; é característico dos neuróticos obsessivos que amor e ódio se equilibrem nas relações objetais. Também com relação aos primitivos pode-se dizer que a ambivalência predomina. Portanto, a intensa ligação da menina com sua mãe tem de ser fortemente ambivalente, e, secundada por outros fatores, precisamente essa ambivalência a impele ao afastamento; ou seja, também devido a uma característica geral da sexualidade infantil.

Szejer e Stewart (1997) afirmam que uma criança nasce com a condição de que tenha sido desejada sobretudo, inconscientemente, por seus pais e, a partir disto, também tenha seu próprio desejo em nascer. Os autores igualmente propõem que a ambivalência faz parte do desejo, considerando que a realização de um desejo, conseqüentemente, leva à renúncia de outro, e que esta, por sua vez, está impressa na base do inconsciente e da linguagem. Assim, eles justificam o sentimento de culpa presente em muitas mães que se sentem ambivalentes.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – PR. cayla.sousa@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – PR. ieda-marinho@hotmail.com

³ Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC/SP, bolsista da CAPES. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – PR. Orientadora do projeto de pesquisa. jaqueline.inada@unicesumar.edu.br



Os mesmos autores também apontam que, nos primeiros três meses de gravidez, a mulher começa a passar por mudanças físicas, cada uma de acordo com seus históricos e com suas singulares expressões. Do mesmo modo, Szejer e Stewart (1997) promovem a ideia de que no primeiro trimestre acontece “o teatro dos mal-estares”, relacionando, de modo geral (pois os casos devem ser vistos em suas particularidades), essas manifestações ao nascimento da própria mulher grávida ou até mesmo das pessoas de sua família.

Diante disso, pretendemos correlacionar o que até o momento fora exposto quanto aos sentimentos de ambivalência e o período gestacional das mulheres num panorama mais amplo, com a possibilidade de que a ambivalência ocorra de forma ainda mais intensa com meninas adolescentes, levando-se em consideração a fase do desenvolvimento que, por vezes, faz com que elas venham a almejar crescimento e independência e, por outra, a angústia, devido à perda de proteção. Ou seja, ora o desejo de serem mães, ora o desejo de serem filhas (ALBUQUERQUE-SOUZA; NÓBREGA; COUTINHO, 2012).

De acordo com o poema de Paz (1992, p. 13),

Para todos nós, em algum momento, nossa existência se revela como alguma coisa de particular, intransferível e preciosa. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. (...) O adolescente se assombra com ser. E ao pasmo segue-se a reflexão: inclinado para o rio de sua consciência pergunta-se se este rosto que aflora lentamente das profundezas, deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser, mera sensação na criança – transforma-se em problema e pergunta, em consciência inquisidora.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 8069/90, reconhece como adolescente toda pessoa com a idade entre 12 e 18 anos. Aberastury e Knobel (1981) ironizam os diversos comportamentos observados nos adolescentes os reconhecendo como sintomatologias pertencentes à “síndrome normal da adolescência”. A ironia é justificada por eles através da ideia de que as normas de conduta dos adolescentes foram instituídas por adultos em nossa sociedade e, dessa forma, acabam por serem consideradas alheias à normalidade. Assim, Aberastury e Knobel (1981) descrevem os seguintes “sintomas”:

- 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Freud (1905) não faz menção à palavra “adolescência” em seus escritos, mas discorre sobre a puberdade. Para ele, ao iniciar-se a puberdade, a vida sexual infantil passa a atingir uma configuração estável em que a pulsão sexual deixa de ser auto erótica e passa a encontrar o objeto sexual. Essa fase é descrita por Freud como a última inerente à sexualidade e, da mesma forma, é descrita como a fase em que ocorre uma difícil empreitada ao ser humano. É a etapa em que acontece a separação das figuras parentais.

De acordo com o exposto acima, a pesquisa tem como base o seguinte questionamento: há uma relação entre os sentimentos ambivalentes prevaletentes no período gestacional e a fase da adolescência? As hipóteses levantadas são: os sentimentos ambivalentes no período gestacional das adolescentes se tornam mais intensos, devido à fase do desenvolvimento a que se encontram? Qual é o significado psicanalítico de tais sentimentos? Quais são as implicações da ambivalência na gravidez?

2 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa será desenvolvida em caráter qualitativo de campo e, para tal, serão sujeitos de análise meninas na fase da adolescência, com idade entre 12 e 18 anos, que fazem parte de um lar voltado ao atendimento de gestantes. Os dados serão coletados no ano vigente, utilizando-se de entrevistas abertas, aplicadas individualmente. Para Martins e Bógus (2004), nas entrevistas abertas e semiestruturadas, o entrevistador deve ter a atenção de observar os aspectos não verbalizados. Há uma grande variação de gestos, expressões, entonações, enfim, uma comunicação não verbal cuja compreensão é muito importante para a validação do que foi discursado. Isso possibilita uma coleta de dados mais rica em conteúdo advindos do discurso inconsciente.

Posteriormente à aplicação da entrevista, a análise dos dados será pautada nas transcrições dos relatos, correlacionando com a teoria psicanalítica e com outros estudos sobre o tema.



A fim de cumprir os protocolos para tal estudo, será entregue uma declaração de autorização do local, após os tramites necessários e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante, explanando os objetivos da pesquisa e colaboração voluntária dos indivíduos, considerando que, por tratar-se de uma pesquisa envolvendo seres humanos, ela será submetida à análise do Comitê de Ética da instituição vinculada.

3 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, ao concluir a pesquisa, promover uma reflexão acerca da gravidez na adolescência, de forma a relacionar os sentimentos intensos ambivalentes e a fase do desenvolvimento a que se encontram as meninas, bem como contribuir, de maneira científica, na área do estudo da Psicologia, além de fomentar discussões que refletem fenômenos culturais e sociais relacionados ao tema.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALBUQUERQUE-SOUZA, Andrea X.; NÓBREGA, Sheva M.; COUTINHO, Maria P. L. **Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência**. *Psicologia & Sociedade*, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/12.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BORSA, Juliane C. **Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério**. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/Jun 2007. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 25 mar. 2015.

BRAZELTON, Berry T.; CRAMER, Bertrand G. **As primeiras relações**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias e outros textos ([1930]1936)**. *Obras Completas*, Vol. XVIII. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos ([1901]1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. *Paidéia*, 12(24), p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

MALDONADO, Maria T. **Psicologia da Gravidez – parto e puerpério**. 16º Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira; BÓGUS, Cláudia Maria. **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde**. *Saúde e Sociedade*, v. 13, n.3, p. 44-57, set-dez 2004.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SZEJER, Myriam; STEWART, Richard. **Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **A Utilização de Métodos Qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político**. Vol. VII, N°1. Campinas: Opinião Pública. P. 1-15. 2001.